

PARA UM TRATAMENTO UNIFORME DO(S) VERBO(S) 'SER'
NO PORTUGUÊS EUROPEU

1. INTRODUÇÃO

A ideia de que não existem dois verbos 'ser' - o que ocorre em construções predicativas e o que ocorre em construções passivas - com propriedades sintácticas diferentes não é nova, uma vez que já a encontramos nalguns trabalhos realizados no âmbito da Gramática Tradicional. Com efeito, em BARBOSA 1822 menciona-se a existência de um único verbo 'ser', designado por "verbo substantivo", que "(...) propriamente fallando, é o unico verbo, e o de uma necessidade indispensavel na oração." [op. cit.: 133]. Assim, mesmo em construções passivas, o verbo 'ser' é sempre substantivo e nunca auxiliar:

"Alguns de nossos grammaticos fazem tambem do nosso verbo 'ser' um verbo auxiliar, pela razão de que, junto com os participios passivos, serve e ajuda a conjugar a voz passiva dos verbos adjectivos (...). Porém o verbo 'ser' n'este uso não tem outra significação e emprego senão o seu proprio, que é o de exprimir a existencia de uma coisa em outra. (...) Não é pois auxiliar, mas um verbo substantivo, simples e o unico e principal (...)."

[idem: 135-136]

No entanto, nem todos os gramáticos que se situam neste quadro teórico partilham esta perspectiva. ALI 1927 postula a existência de um auxiliar 'ser' em construções passivas, quando este verbo se combina com o "particípio do pretérito" (cf. op. cit. 173). Também em CUNHA & CINTRA 1984 se refere a ocorrência do verbo 'ser' como auxiliar em construções passivas (cf. op. cit.: 393), distinguindo-se do "verbo de ligação" que ocorre em construções predicativas (cf. Idem: 133-136).

O objectivo do nosso estudo é o de demonstrar que, também no quadro da Teoria da Regência e da Ligação, é possível um tratamento uniforme dos verbos 'ser', dado o seu comportamento idêntico nas diferentes construções sintácticas em que estes verbos ocorrem <1>.

2. ARGUMENTOS EMPÍRICOS PARA O TRATAMENTO UNIFORME DO VERBO 'SER'

Passamos, em seguida, à apresentação de alguns dados empíricos que nos permitirão, antes de mais, distinguir o verbo 'ser' passivo dos verbos auxiliares. Tomaremos como exemplo destes últimos o verbo 'ter', unanimemente aceite como auxiliar na literatura sobre o assunto. Após a eliminação do verbo 'ser' passivo da classe dos auxiliares do Português Europeu, demonstraremos a possibilidade de aproximar este verbo dos verbos copulativos, postulando, assim, a existência de um só verbo 'ser', que poderá ocorrer tanto em construções passivas como em construções predicativas.

2.1. 'SER' PASSIVO VS AUXILIAR 'TER'

O verbo 'ser' passivo e o verbo 'ter' têm sido considerados auxiliares por muitos autores, dado que apresentam um comportamento sintáctico-semântico semelhante em algumas construções (cf. GONÇALVES 1990):

(i) O complexo verbal constituído por cada um destes verbos e o Particípio Passado que se lhes segue forma uma unidade sintáctico-semântica e, como tal, só pode ocorrer um Sujeito para todo o complexo:

- (1) (a) O criminoso foi punido pelo juiz.
- (b) * O criminoso foi ele punido pelo juiz.

- (2) (a) O juiz tem punido os criminosos.
- (b) * O juiz tem ele punido os criminosos.

(ii) Os operadores de negação frásica têm escopo sobre toda a sequência, o que nos permite concluir que essa sequência constitui uma unidade:

- (3) (a) O criminoso não foi punido pelo juiz.
- (b) * O criminoso foi não punido pelo juiz.
- (c) * O criminoso não foi não punido pelo juiz.

- (4) (a) O juiz não tem punido os criminosos.
- (b) * O juiz tem não punido os criminosos.
- (c) * O juiz não tem não punido os criminosos.

(iii) Nenhum dos verbos em questão impõe restrições de selecção semântica ao sujeito de superfície, sendo a forma participial a responsável por essa imposição:

- (5) (a) O copo foi quebrado pelo Pedro.
- (b) * O papel foi quebrado pelo Pedro.

- (6) (a) O Pedro tem quebrado muitos copos.
(b) * O papel tem quebrado muitos copos.

Se considerarmos que aquilo que verificámos nas construções que acabámos de mencionar permite estabelecer alguns dos critérios de auxiliaridade para o Português Europeu, somos levados a etiquetar como auxiliares ambos os verbos, 'ser' passivo e 'ter'. No entanto, o comportamento destes verbos diverge nalgumas construções, como as que passamos a referir:

(i) Nas construções com tempos compostos, pode ocorrer uma forma participial de qualquer classe de verbos. Pelo contrário, nas construções passivas, o verbo 'ser' só pode ser seguido de um verbo transitivo no Particípio Passado:

- (7) (a) O Pedro tem feito os exercícios.
(b) O Pedro tem tossido muito.
(c) O Pedro tem chegado a horas.
- (8) (a) Os exercícios foram feitos pelo Pedro.
(b) * Foi tossido muito pelo Pedro.
(c) * O Pedro foi chegado a horas.

(ii) Quando um verbo possui duas formas participiais, sendo uma regular e outra irregular, a primeira dessas formas ocorre tipicamente em construções com tempos compostos (como 'ter' + Particípio Passado), enquanto que a segunda ocorre em construções passivas:

- (9) (a) Os terroristas têm matado os reféns.
(b) * Os terroristas têm morto os reféns.
- (10) (a) Os reféns foram mortos pelos terroristas.
(b) * Os reféns foram matados pelos terroristas.

(iii) A forma participial das construções com tempos compostos não concorda em número e género com o sujeito, ao contrário do que se verifica nas construções passivas:

- (11) (a) As alunas têm feito as composições.
(b) * As alunas têm feitas as composições. <2>
- (12) (a) As composições foram feitas pelas alunas.
(b) * As composições foram feito pelas alunas.

(iv) Os verbos que entram na formação de um tempo composto pertencem a um mesmo domínio de predicação, não sendo permitida a substituição do verbo principal e, eventualmente, dos seus complementos pelo clítico verbal demonstrativo 'o'. Pelo contrário, essa substituição torna-se possível nas construções passivas:

- (13) * O Pedro tem ido ao cinema mas a Ana não o tem.
- (14) O Pedro foi convidado para a festa mas a Ana não o foi.

Se este último argumento pode funcionar como um critério de auxiliaridade (como defende GONÇALVES 1990, entre outros), então poderemos eliminar o verbo 'ser' passivo do elenco dos auxiliares do Português Europeu.

2.2. SEMELHANÇAS ENTRE O VERBO 'SER' PASSIVO E O VERBO 'SER' COPULATIVO

Afastado o verbo 'ser' passivo do elenco dos auxiliares, passamos à apresentação de algumas construções sintácticas que nos permitirão argumentar a favor da hipótese de que este verbo

apresenta um comportamento semelhante ao dos verbos copulativos. Caracterizando-se as construções predicativas pela ocorrência de um predicado não-verbal que pode pertencer a diferentes categorias sintácticas - SN, SA, SP ou SADV -, deter-nos-emos apenas em construções em que o predicado é adjectival. Assim:

(f) O verbo 'ser', tanto em construções passivas como em construções predicativas, não θ -marca o NP ocupado pelo Sujeito de superfície nem lhe impõe restrições de selecção semântica. Assim, o Sujeito tem de ser semanticamente compatível, não com o verbo 'ser', mas com a forma participial ou o Adjectivo que entra nas construções em análise:

- (15) (a) O livro foi lido pelo Pedro.
(b) * O livro foi comido pelo Pedro.

- (16) (a) Os meus irmãos são felizes.
(b) * Os meus livros são felizes.

(ii) Verifica-se, em ambas as construções, a existência de relações de concordância em género e em número entre o Sujeito de superfície e o núcleo da predicação (a forma participial nas construções passivas ou a forma adjectival nas construções predicativas):

- (17) (a) Os livros foram lidos por todos os alunos.
(b) * O livro foi lidos por todos os alunos.
(c) * Os livros foram lidas por todos os alunos.

- (18) (a) Os livros foram baratos.
(b) * O livro foi baratos.
(c) * Os livros foram baratas.

(iii) Uma característica das construções predicativas é a de que a expressão com a relação gramatical de Predicativo do

Sujeito pode ser substituída pelo clítico verbal demonstrativo, 'o'. Esta propriedade das construções predicativas também se verifica nas construções passivas, sendo possível a cliticização da forma participial e da expressão com a relação de Agente da Passiva:

(19) Os livros foram lidos por todos os alunos e os cadernos também o foram.

(20) A irmã da Maria é feliz e ela também o é.

(iv) Tanto nas construções passivas como nas predicativas, são muito marginais ou mesmo agramaticais as sequências em que o Sujeito ocorre à direita do verbo 'ser', precedendo, respectivamente, a forma participial ou o adjectivo em posição predicativa:

(21) (a) Estes livros foram vendidos na Feira.
(b) */?? Foram estes livros vendidos na Feira.

(22) (a) Estes livros são interessantes.
(b) */?? São estes livros interessantes.

2.3. SÍNTESE

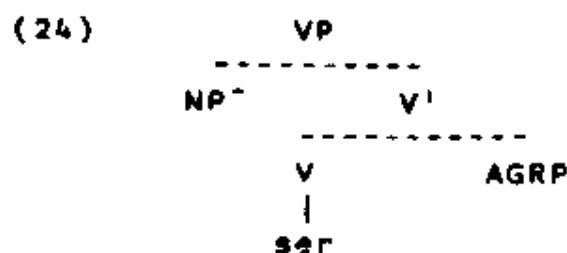
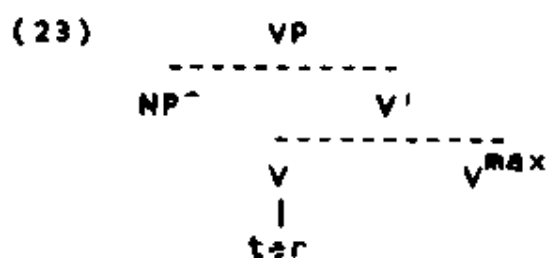
Em síntese, os dados que apresentámos permitem-nos argumentar a favor da hipótese de que existem semelhanças no comportamento do(s) verbo(s) 'ser' nas construções em análise. Tais semelhanças levam-nos a propor uma estrutura argumental idêntica para estes verbos, tópico que desenvolveremos no ponto seguinte.

3. PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS E DAS PREDICATIVAS

Dadas as propriedades do verbo 'ser' que descrevemos nos pontos anteriores, podemos concluir que se trata de um verbo que partilha algumas propriedades dos verbos inacusativos, já que segue a generalização de Burzio, não atribuindo papel temático ao argumento externo, nem caso ao argumento interno. É em conformidade com esta ideia que apresentaremos, em seguida, as configurações correspondentes a construções passivas e a construções predicativas com o verbo 'ser'.

3.1. ESTRUTURA ARGUMENTAL DO VERBO AUXILIAR VS ESTRUTURA ARGUMENTAL DO VERBO 'SER' PASSIVO

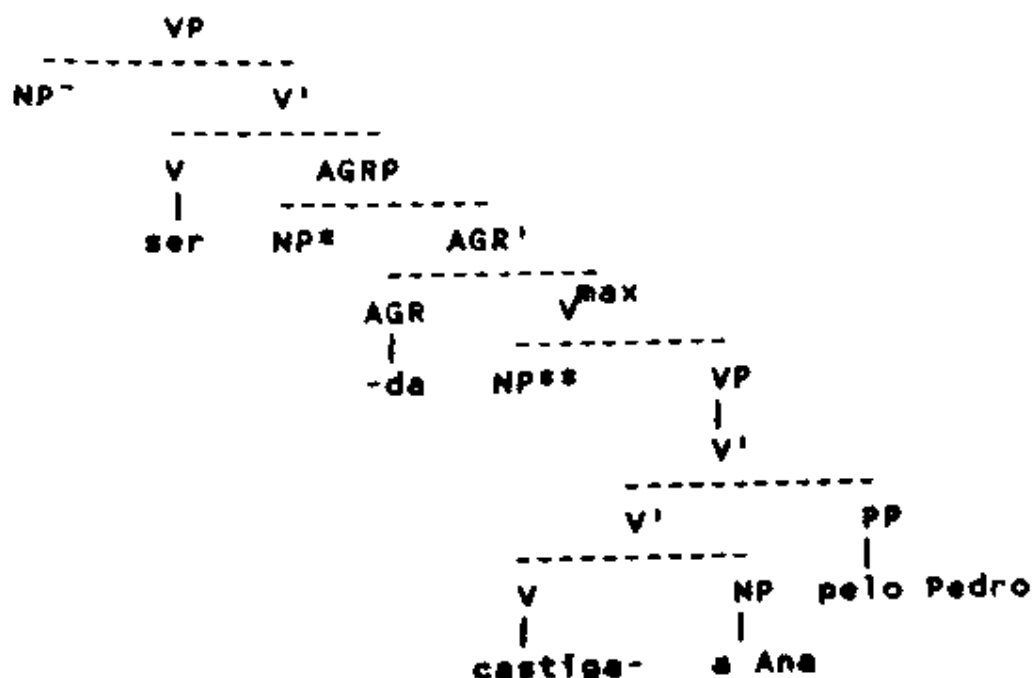
Um dos factores que distingue um verdadeiro auxiliar do verbo 'ser' que entra em construções passivas diz respeito à natureza categorial do complemento por cada um deles seleccionado. Assim, enquanto que um verbo auxiliar subcategoriza um complemento verbal (V^{max}), o verbo 'ser' selecciona um complemento oracional não-frásico (SC). Observemos a seguinte estrutura parcial:



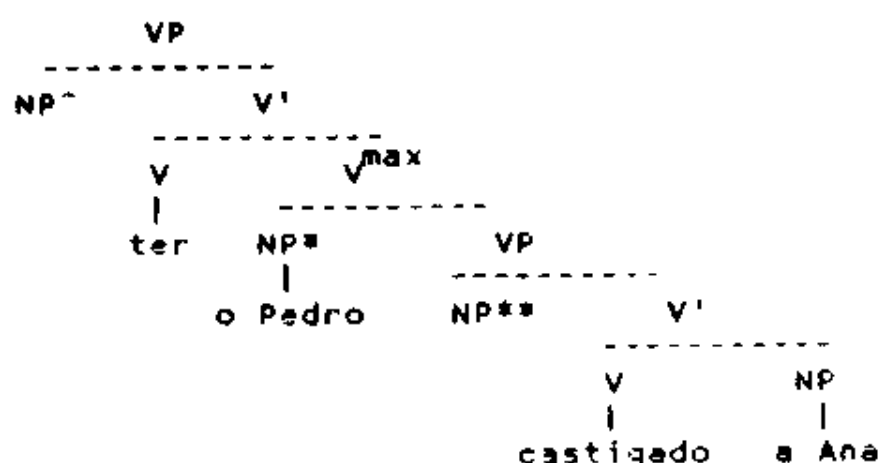
A existência de relações de concordância (em género e número) entre o Sujeito frásico e o predicado da SC que se verifica nas construções passivas leva-nos a propor que o complemento do verbo 'ser' pertença à categoria AGRP. Estas relações de concordância não se estabelecem entre o Sujeito e o Particípio Passado em construções com tempos compostos, pelo que o nó AGRP, nestas construções, está ausente.

As divergências entre os dois tipos de construções em questão têm ainda a ver com a posição básica ocupada pelo constituinte que virá a ser o Sujeito de superfície, o que está directamente relacionado com a atribuição do papel temático externo. Vejamos as representações parciais de Estrutura-P que nos permitem explicitar a afirmação que acabamos de fazer:

(25) A Ana foi castigada pelo Pedro.



(26) O Pedro tem castigado a Ana.



Tratando-se, como afirmámos anteriormente, de um verbo semelhante aos inacusativos, o verbo 'ser' passivo não atribui papel temático externo. Por esse motivo, o NP ocupado pelo Sujeito Sujeito de superfície é gerado como argumento interno do Particípio Passado, posição onde recebe papel temático por θ -marcação directa (cf. (25)). Nas construções com tempos compostos, pelo contrário, o NP-Sujeito de superfície recebe papel temático externo na posição em que é gerado, i.e., em SPEC de V^{max} , por θ -marcação indirecta (cf. (26)).

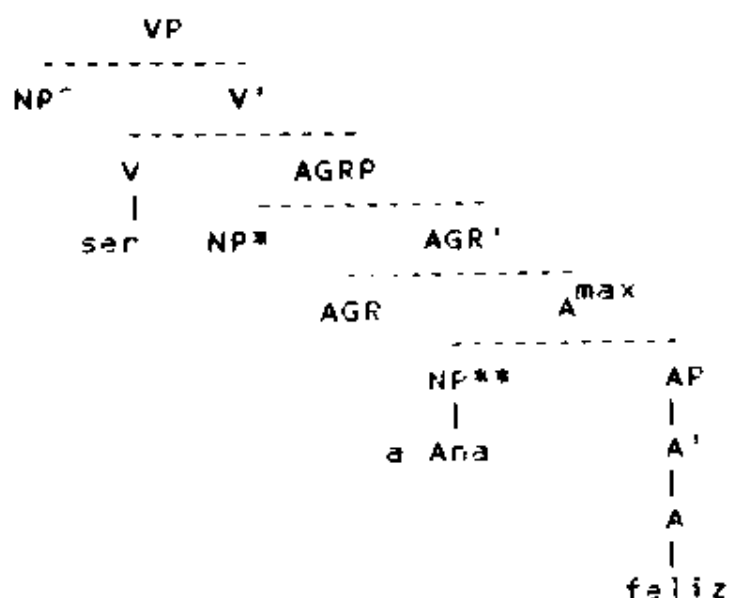
3.2. UNIFORMIZAÇÃO DO TRATAMENTO DO(S) VERBO(S) 'SER'

Com base nas observações feitas nos pontos anteriores e afastada a hipótese de que o verbo 'ser' passivo se comporta como um auxiliar, propomos, em seguida, uma uniformização do tratamento dos verbos 'ser' - passivo e copulativo.

Assim sendo, o verbo 'ser' copulativo, tal como o passivo,

subcategoriza um complemento oracional não-frásico (SC), pelo que propomos a seguinte representação parcial de Estrutura-P para construções predicativas:

(27) A Ana é feliz.



Se compararmos (27) com (25), podemos constatar que o complemento do verbo 'ser' é, em ambas as construções, um AGRP. Tal resulta do facto de, também aqui, se verificar a existência de concordância entre o Sujeito, 'a Ana', e o predicado da SC, 'feliz'.

3.2.1. ATRIBUIÇÃO DE PAPEL TEMÁTICO EXTERNO

Apesar de o verbo 'ser' subcategorizar sempre uma SC (ou AGRP), as construções que estamos a analisar apresentam algumas diferenças, nomeadamente no que diz respeito à atribuição de Papel temático externo.

Nas construções predicativas, dado que o Sujeito é gerado na posição de SPEC de A^{max} (cf. (27)), o papel temático externo é atribuído através de um processo de θ -marcação indirecta, tendo em conta que um argumento é θ -marcado indirectamente se e só se ele mesmo e a projecção sintagmática que domina o atribuidor de θ forem irmãos.

Este mecanismo de atribuição de papel temático externo não se aplica, no entanto, a construções passivas. Seguindo as propostas de ROBERTS 1986 e de JAEGLI 1986, assumimos que o afixo passivo (ou clítico, na terminologia de ROBERTS) em AGR se comporta como um elemento nominal, podendo absorver o papel temático externo que seria atribuído, sob inmandade, ao NP** (cf. (25)). Apesar de, na literatura sobre este assunto, se considerar que os papéis temáticos são, normalmente, atribuídos a NPs e, eventualmente, a PPs, é possível, no entanto, a atribuição de papel temático externo a um afixo nominal, já que esse papel temático não está associado a nenhum constituinte subcategorizado na entrada lexical do verbo (cf. JAEGLI 1986: 591). Todas as restantes posições de SPEC ficam, assim, destematizadas, o que permitirá a ocorrência dos movimentos de que falaremos adiante.

Uma outra questão que se coloca diz respeito à atribuição de papel temático ao "by-phrase" (correspondente ao chamado 'agente da passiva'), doravante 'sintagma-*por*'. Se, por um lado, este constituinte é sempre interpretado como Sujeito lógico da frase passiva, por outro lado, ele não recebe papel temático externo, dado que esse papel já foi atribuído ao afixo passivo (se fosse também atribuído ao agente da passiva, haveria violação

do Critério- θ). Assim sendo, JAEGGLI 1986 propõe um mecanismo que permite a 'transmissão' do papel temático externo do afixo para o NP que ocorre no interior do 'sintagma-*por*': através de um processo de percolação ascendente, o papel temático é transmitido para o nó ramificante que domina o afixo, infiltrando-se, em seguida, até ao núcleo do PP-'sintagma-*por*'. A Preposição atribui, então, o papel temático externo ao seu complemento. Trata-se, assim, de uma 'atribuição por transmissão' de papel temático externo. Assumindo este mecanismo de marcação temática, o autor considera que "(...) o 'sintagma-*por*' é subcategorizado pelo sufixo passivo (...), dada a condição de que se X subcategoriza Y, então X atribui um papel temático a Y." [op. cit.: 601; trad. nossa].

3.2.2. ATRIBUIÇÃO DE CASO

Um dos factores que aproximam as construções predicativas das construções passivas está relacionado com a atribuição de Caso ao NP que ocupa a posição de Sujeito em Estrutura-S. Efectivamente, parece que em nenhuma destas construções o NP em questão recebe Caso Nominativo na posição em que é gerado, visto que, dentro de AGRP, não existe nenhum elemento que o possa marcar casualmente. No entanto, existem construções deste tipo, no Português Europeu, em que, em Estrutura-S, o NP parece permanecer na sua posição básica:

(28) Este ano, são todos os alunos inteligentes.

(29) Este ano, foram despedidos todos os professores pelo director.

Note-se que, para aceitarmos construções deste tipo, é necessário que surjam num contexto adequado e que o NP em questão seja quantificado:

(28') * São os alunos inteligentes.

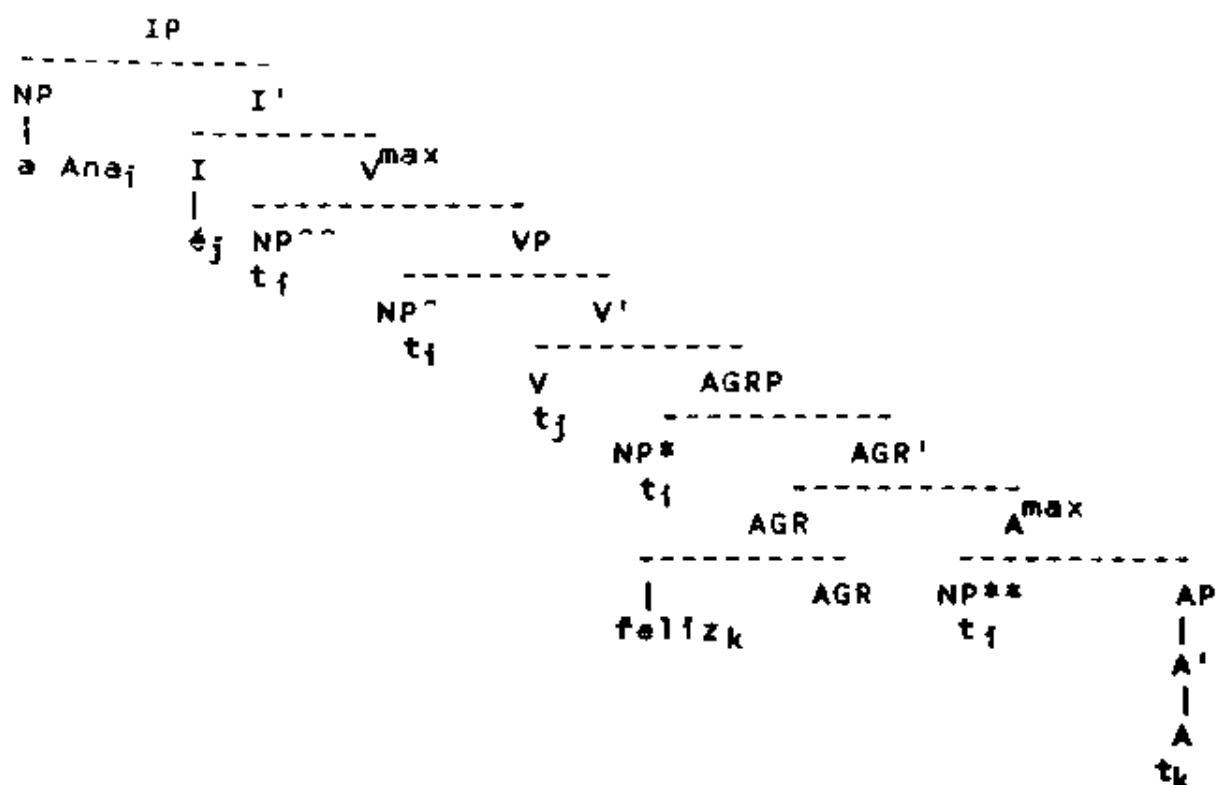
(29') */? Foram despedidos os professores.

Para explicar a gramaticalidade de (28) e de (29), temos de postular, na linha de BURZIO 1981, que a posição [NP, IP] está ocupada por um 'pro', que, por superescrição, forma uma CADEIA com o NP em questão. Dado que 'pro' é uma categoria vazia, que não tem de satisfazer o Filtro do Caso, o Caso Nominativo que lhe é atribuído por I é transmitido a esse NP. Esta estratégia de marcação casual foi também referida em ELISEU 1984, que, assumindo que, nas construções passivas, o Caso é atribuído a uma CADEIA (expletivo, argumento), considera que o Objecto Directo pode permanecer na sua posição básica (cf. op. cit.: 64). Visto que é possível esta transmissão de Caso Nominativo, a agramaticalidade de (28') e de (29') poderá dever-se, não a factores de ordem sintáctica, mas a factores de natureza semântico-pragmática, o que, aliás, foi sugerido também em MATOS 1985.

Passamos, em seguida, à análise dos movimentos que ocorrem nas construções predicativas em que a posição final do Sujeito é [NP, IP] (cf. (27)). Uma vez que o NP** não satisfaz os requisitos mencionados acima, não pode receber Caso dentro da

projecção em que foi gerado. Desloca-se, então, para NP* (cf. SPORTICHE 1989), sendo nessa posição desencadeada a concordância com o Adjectivo que se desloca para AGR, flexionando, assim, em género e número. No entanto, assumindo que o verbo 'ser' sobe para I, e assumindo ainda que, ao ocorrer este movimento, I deixa de poder atribuir Caso estrutural sob Regência, NP* também não recebe Caso Nominativo. O local de poiso final deste NP é a posição de SPEC de IP, uma vez que só aí é possível a atribuição de Caso por I, por Concordância SPEC--núcleo. Assim, a Estrutura-S de (27) é a seguinte:

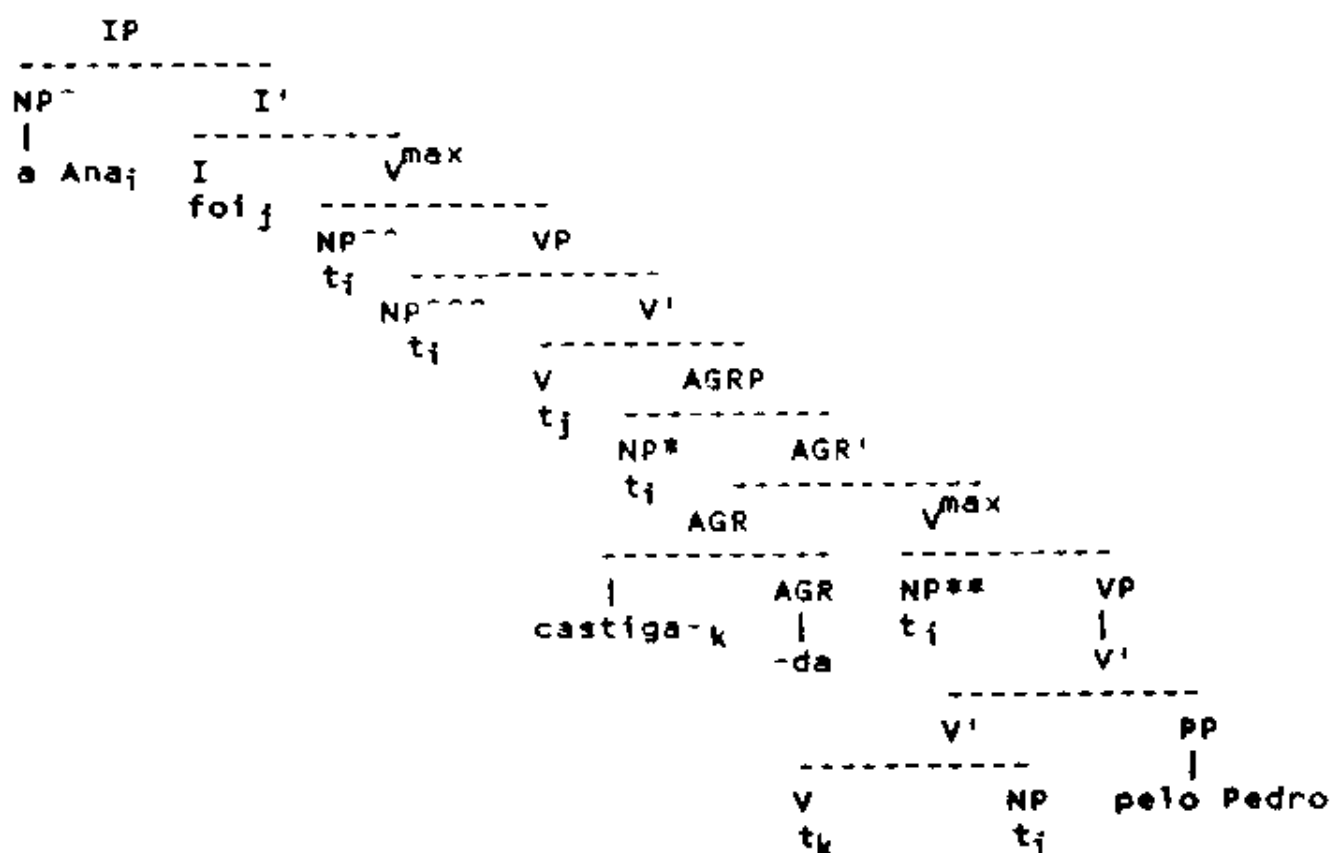
(27') A Ana é feliz.



Nas construções passivas (cf. (25)), o NP não recebe Caso Acusativo, dado que, assumindo as propostas de ROBERTS 1986 e JAEGGLI 1986, este Caso foi já atribuído por V ao afixo passivo

(absorção de Caso). Pelas razões já mencionadas relativamente às construções predicativas, o local de poiso final deste NP corresponde à posição de SPEC de IP, dado que só aí lhe poderá ser atribuído Caso Nominativo, por Concordância SPEC-núcleo. A Estrutura-S de (25) é, então, (25'):

(25') A Ana foi castigada pelo Pedro.



4. SÍNTESE

Em síntese, o objectivo fundamental deste trabalho foi o de demonstrar que o verbo 'ser' subcategoriza sempre um constituinte AGRP, quer se trate de construções predicativas, quer de construções passivas. Há, no entanto, que registar

diferenças no interior deste constituinte, facto que tem a ver com as propriedades lexico-sintácticas dos elementos que o formam.

A nossa análise não está, contudo, isenta de problemas, que ficam, por agora, em aberto, de entre os quais salientamos os seguintes:

(i) Não resolve o problema da existência de três formas participiais distintas: o Participio activo, o Participio passivo (que entra nas construções passivas de 'ser') e o Participio adjectival (que entra em construções predicativas);

(ii) Não resolve o problema da existência de diferenças entre o comportamento do verbo 'ser' e o comportamento dos restantes verbos predicativos, nomeadamente em construções como:

- (30) (a) * São alguns rapazes inteligentes.
(b) Estão alguns rapazes doentes.

NOTAS

<1> As construções que estudámos são apenas aquelas em que ocorre o verbo 'ser' passivo ou predicativo, não sendo nosso objectivo o tratamento do verbo 'ser' identificacional.

<2> Esta construção seria gramatical numa outra acepção, em que a sequência 'feitas as composições' constitui uma oração pequena (SC). Note-se, contudo, que, neste caso, seria mais natural uma construção como :

- (i) As alunas têm as composições feitas.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, S. (1927) Gramática Secundária da Língua Portuguesa . São Paulo: Melhoramentos . 6ª ed., 1965.
- BAKER, M. (1986) Incorporation . Chicago: The University of Chicago Press.
- BARBOSA, J. S. (1822) Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem . Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciéncias . 5ª ed., 1871.
- BELLETTI, A. & L. RIZZI (1988) "Psych-verbs and θ -Theory" . NLLT, vol.6-3, pp.291-352.
- BURZIO, L. (1981). "Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries" . MIT . Dissertação de Ph-D.
- CHOMSKY, N. (1986) Barriers . Cambridge: The MIT Press.
- COUQUEAUX, D. (1979) "Sur la Syntaxe des Phrases Prédicatives en Français" . Linguisticae Investigationes, III: 2, pp.245-284.
- CUNHA, C. & L. F. LINDLEY CINTRA (1984) Nova Gramática do Português Contemporâneo . Lisboa: Sá da Costa.
- ELISEU, A. (1984) "Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise" . Trabalho de Síntese . Não-publicado.
- GONÇALVES, A. (1990) "Para uma Definição dos Critérios de Auxiliaridade em Português Europeu" . Trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva - área de Sintaxe-Semântica . Não-publicado.
- JAEGGLI, O. (1986) "Passive" . Linguistic Inquiry, vol. 17-4, pp.587-622.
- MATOS, G. (1985) "Clítico Verbal Demonstrativo" . Trabalho de Síntese em Sintaxe e Semântica do Português . Não-publicado.
- ROBERTS, I. (1986) The Representation of Implicit and Dethematized Subjects . Dordrecht: Foris Publications.
- SPORTICHE, D. (1988) "Le Mouvement Syntaxique: Contraintes et Paramètres" . Langages, nº95, pp.35-80.

VERGNAUD, J.-R. & A. ROUVERET (1980) "Specifying Reference to the Subject: French Causatives and Conditions on Representations" . Linguistic Inquiry, vol. 11-1, pp.97-202.

ZUBIZARRETA, M. L. (1987) Levels of Representation in the Lexicon and in the Syntax . Dordrecht: Foris: Publications.